



## AS PRODUÇÕES INTERATIVAS DE JOVENS NAS REDES SOCIAIS: ESCOLA E SOCIABILIDADE NAS PERIFERIAS DE PORTO ALEGRE<sup>1</sup>

Leandro R. Pinheiro <sup>2</sup>  
Arthur Manomics Machado <sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo que segue situa-se entre problematizações da sociologia das juventudes e, mais particularmente, dirige-se ao contexto de mediatização das interações juvenis. Neste sentido, perguntamo-nos como os jovens produzem suas sociabilidades nas redes sociais, discutindo implicações para a vivência de práticas no âmbito da educação. A pesquisa foi realizada em um bairro de periferia da cidade de Porto Alegre/RS, junto a jovens adolescentes educandos de escolas públicas e entidade assistencial sediadas na mesma localidade, e fizemos uso de observação e de interlocuções *online* para acompanhar as produções interativas sociáveis juvenis. Percebemos a intensa utilização de celulares e redes sociais, havendo uma “mútua afetação” entre o ofício de aluno e a condição de jovem, além de reconfigurações das performances sociáveis rumo a interações programadas e a definição de parâmetros de distinção simbólica entre pares.

**Palavras-chave:** Sociabilidades; Juventudes; Mediatização; Redes sociais; Escola.

**Abstract:** This paper takes part in discussions produced by the sociology of the youth culture and, more particularly, it debates the context of mediatization of the youth interactions. In this sense, we ask ourselves how young people produce their sociability in social networks, discussing implications for the practices in the field of education. The research was carried out in a suburban neighbourhood of the city of Porto Alegre/RS, together with young adolescents educated in public schools and care entities based in the same locality. As techniques, we use observation and online dialogs to accompany interactive youth social interactions. We perceive the intense use of cell phones and social networks, from which we identify a “mutual affectation” between the office of student and the condition of young person, besides reconfigurations of the social performances towards programmed interactions and the definition of parameters of symbolic distinction between youth pairs.

**Keywords:** Sociability; Youth; Mediatization; Social networks; School.

---

<sup>1</sup> **Submissão: 05 de janeiro de 2019 - Aceitação: 20 de junho de 2019**

<sup>2</sup> Professor do PPGEDU - FAGED - UFRGS

<sup>3</sup> UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## INTRODUÇÃO

Observamos um incremento significativo do acesso ao sistema escolar nas últimas décadas, de forma que os jovens-adolescentes registravam maior inclusão que os demais segmentos juvenis. De outra parte, sabe-se das elevadas taxas de evasão escolar ainda presentes, particularmente no ensino médio, e a existência de trajetórias escolares truncadas em meio à precarização de condições de vida, que convoca ao trabalho ainda na adolescência, e medidas de correção de fluxo voltadas à permanência do aluno (muitas vezes, conduzindo-o para a Educação de Jovens e Adultos – EJA), ainda que sob risco de desalento e estigmatização (Julião e Ferreira, 2018).

De outra parte, o acesso a tecnologias de informação e comunicação é crescente, com destaque entre os segmentos populacionais mais jovens (Kubota, 2016). O acesso à internet por intermédio de celulares tem crescido entre pessoas entre 15 e 17 anos, de tal forma que a conexão *online* atravessa o cotidiano escolar. Nossas incursões a campo, em instituições educativas, evidenciam-no sistematicamente. Da mesma maneira, os dados que abordaremos neste artigo também o indicam.

Nesse contexto, ocupamo-nos de problematizar como os jovens produzem suas sociabilidades nas redes sociais, discutindo implicações para a vivência de práticas no âmbito da educação. As informações que analisamos, aqui, foram produzidas mediante interlocuções com sujeitos residentes em bairros de periferia de Porto Alegre e educandos em escolas públicas e/ou entidades educativo-assistenciais nessas mesmas localidades. Para tanto, apoiamo-nos na noção de “sociabilidade” de Georg Simmel (2006) e nas contribuições de José Luiz Braga (2006) a respeito da mediação das relações sociais contemporâneas.

A seguir, apresentaremos brevemente nossos referentes teóricos de pesquisa e o contexto de nossas incursões. Então, passaremos ao exame dos dados e exposição do que aventamos ser significativo para uma imersão ao cotidiano das relações entre jovens, redes sociais e instituições educativas.

## REFERENTES E CONTEXTO

As localidades nas quais desenvolvemos pesquisas são os bairros Cruzeiro, Lomba do Pinheiro e Restinga. Ambos têm histórico de crescimento populacional expressivo nos anos 1960-70, por conta de fluxos migratórios do interior do estado ou de deslocamentos entre áreas da cidade,

## Revista Gepesvida/2019

---

fenômenos associados, no país, a medidas governamentais que provocaram intenso êxodo rural para regiões metropolitanas e à dinâmica do mercado imobiliário, que tende a empurrar contingentes empobrecidos para as margens da urbe (Moura, 1996). Considerando séries estatísticas publicadas pelo Observatório da Cidade de Porto Alegre (ObservaPoa, 2017), uma análise comparativa evidencia que aquelas localidades estavam entre as mais vulnerabilizadas econômica e culturalmente. Os índices educacionais, especificamente, demonstram acessos fragilizados à instituição escolar.

Eis que Zaluar (1994) já assinalava a necessidade e a potência representada por jogos e atividades de lazer e sociabilidade em contextos socialmente vulnerabilizados. Trata-se da possibilidade da inventividade e do exercício relativamente autônomo na interação, que rompe o anonimato urbano. As provocações de Simmel (2006) nos ajudam a entendê-lo. Para ele, a sociabilidade se define como a “a forma lúdica de sociação” (p. 65). Nela (em sua forma pura), as motivações concretas que deram origem às interações sociais podem ser deixadas a parte e se acentua a inter-relação entre os indivíduos. Neste sentido, a ênfase no “sociável”, na interação por si, indicaria certo “faz de conta”, uma simbolização, diferente da mentira.

Um dos exemplos citados por Simmel (2006) é o da “conversa”. Quando falamos em sociabilidade, designaríamos aquelas situações em que as interações ganham sentido em si mesmas, no jogo das relações entre indivíduos no ato de “entreter-se”. Não se trata de alegar que o mote ou assunto não precisa ser pertinente à realidade experienciada pelos sujeitos. Pelo contrário, o conteúdo das conversas sociáveis deve ser significativo e cativante, articulado a outras dimensões da vida (sob pena de ser apenas uma artificialidade), mas não submetida a elas no momento de sua fruição.

Na sociabilidade, configuram-se jogos sociais nos quais a dimensão lúdica se faz presente de maneira patente. Nela, o jogador inscreve-se atraído pela dinâmica e pela relativa aleatoriedade dos resultados. Entretanto, Simmel (2006) não está se referindo a simples divertimento. De uma parte, as interações sociáveis possuem uma forma de organização que pressupõe igualdade relacional e reciprocidade nos tratamentos, sob pena de ruptura do laço sociabilizante. De outra, o autor afirmará que “a sociabilidade é também a forma lúdica das forças éticas da sociedade concreta” (p. 77). Se consideramos os tensionamentos entre os indivíduos e seus contextos de inserção social, os dilemas na representação de sua singularidade frente a normatizações coletivas e/ou na pertença social e no convívio com o diferente seguem postos e garantem lugar na configuração das relações sociáveis. Nas palavras do autor:

A sociabilidade transfere todas essas exigências, em seu caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos,

# Revista Gepesvida/2019

---

justamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras [...] Se todas as convergências e divergências devem ser fenômenos rigorosamente proporcionais a fenômenos internos, numa “reunião social” elas existem sem tais realidades, e nada resta além de um fenômeno que obedece às próprias leis formais de um jogo cuja graça, fechada em si mesma, revela *esteticamente* a mesma proporção que a seriedade da realidade exige em termos *éticos*. (SIMMEL, 2006, p. 78)

Então, cabe observar que as relações sociais hoje passam intensamente pela apropriação midiática. De tal forma, ao observar a intensidade com que os jovens-adolescentes fazem de celulares e internet, entendemos necessário problematizar as condições de sociabilidade daqueles que cada vez mais ocupam os espaços escolares. E, neste ponto, podemos discutir as dinâmicas sociáveis em sua imbricação com a midiática cultural.

Segundo Braga (2006), a midiática ocorre na forma de “reformulações sócio tecnológicas de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade de referência” (BRAGA, 2006, p. 2). Entende-se existir determinados processos tidos como hegemônicos e determinantes dos demais sub-processos interacionais, referenciando a lógica central das interações. De outra forma, os processos referência não substituem os demais, apenas “dão o tom” às interações, reconfigurando-as rumo à assunção de lógicas “de mídia”.

No contexto midiático, novos processos de referência passam a ser incorporados por sujeitos e instituições, bem como em suas relações. Portanto, a própria sociabilidade, as formas de subjetivação, de construção de identidade e sentido passam a ter referencialidades midiáticas.

Considerando o tempo dedicado diariamente por jovens à utilização de celulares, entendemos necessária uma abordagem compreensiva do fenômeno, de modo a reconhecermos os sentidos atribuídos a tais usos. Para tanto, procuraremos observar não só que atividades são as mais recorrentes, como as trocas de mensagens e o compartilhamento de fotos e informações, mas as dinâmicas interacionais em jogo e as possíveis repercussões para as dinâmicas sociáveis juvenis.

## EM CAMPO

A pesquisa que ora conduzimos se dirige às relações de sociabilidade construídas por sujeitos residentes e atuantes em bairros de periferia de Porto Alegre, com realização entre 2016 e 2021. Neste artigo, privilegiaremos dados relativos à apropriação juvenil-estudantil das redes sociais em suas interações sociáveis. Assim, para efeito da análise, reportaremos resultados três grupos de discussão sobre consumos culturais e habitação da escola, efetivados no primeiro semestre de 2019. Os debates

# Revista Gepesvida/2019

---

correram em uma escola estadual e uma municipal (EJA) do bairro Lomba do Pinheiro, com alunos jovens, sendo que cada edição contou com cerca de dez integrantes.

As escolas foram escolhidas por proximidade geográfica com entidade assistencial que abriga o Centro da Juventude da localidade, onde desenvolvemos a observação participante com jovens em seus horários de intervalo durante três meses. Assim inicialmente, estabelecemos diálogos sobre suas atividades de lazer e usos das redes sociais, constituindo a figura de um jovem informante inclusive, que muito nos contou sobre as interações virtuais que integrava. Em seguida, convidamos os jovens a participarem de grupo no Messenger-Facebook. Esta atividade, principal objeto de análise aqui, foi desenvolvida de novembro de 2018 a março de 2019. Embora estimulássemos as conversações inicialmente, os jovens logo fizeram uso do espaço para colocar seus próprios assuntos. Então, com o consentimento dos participantes, as conversações foram tomadas para análise na pesquisa.

Passaremos, agora, à contextualização da experiência de interação *online* acima referida, tendo por base os dados de grupos de discussão. Antes, porém, cabe situar discussões sobre juventudes e escola.

## **JOVENS, ESCOLA E REDES SOCIAIS**

Particularmente entre os jovens com idade entre 15 e 17 anos, dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domicílio (PNAD) indicam uma ampliação da escolaridade e do tempo de habitação da escola. Para segmentos historicamente excluídos, o incremento da frequência à escola foi sensivelmente superior entre 2004 e 2014 (2,5% de forma geral contra 10,6% para jovens de famílias do primeiro quintil de renda). Isso não altera, contudo, a recorrência de percursos truncados ao longo da escolarização, com casos de reprovações, desistências e/ou adesão a políticas de correção de fluxo. Para esse mesmo período, o percentual de jovens cursando ainda o ensino fundamental era bastante representativo (pouco mais de 30%) (FREITAS, 2016; SPOSITO, 2018).

Vale considerar, ainda, que o Censo Escolar indicou uma redução no número de matrículas no ensino médio entre 2016 e 2017 (NuPE/UFPR, 2018). Os efeitos dos elevados índices de desemprego e informalidade dos últimos anos no Brasil, normalmente com repercussão mais severa entre jovens (IBGE, 2018), podem contribuir ao cenário de evasão escolar. Contudo, se consideramos que se mantém, mesmo assim, um quadro de extensão histórica do acesso à escola e à vivência como estudante entre jovens, cabe discutir como estes produzem suas vivências na escola.

Ainda que as promessas institucionais figurem com importância e situem a instituição escolar desde uma mirada ao porvir nos itinerários biográficos, a literatura sinaliza para sentidos diversos do

# Revista Gepesvida/2019

---

espaço escolar entre os grupos populares. Mesmo que o trabalho configure muito das expectativas, a associação da escola à segurança-proteção ou a programáticas socializadoras também compõem a relação com a instituição (ZAGO, 2012). Mais além, as pesquisas sobre juventudes têm salientado a importância das práticas culturais-artísticas e das relações de sociabilidade no cotidiano e nas produções identitárias juvenis (DAYRELL, 2007; DAYRELL E CARRANO, 2014). Dubet e Martuccelli (1998) já salientavam que entre os jovens a referência do mestre se esmaecia quando os alunos passavam a compor suas experiências também em articulação ao universo cultural juvenil e às interações entre pares.

Pereira (2016) procura problematizar justamente a imbricação entre experiências juvenis e estudantis, tomando uma abordagem etnográfica em escolas públicas das periferias de São Paulo. Observa o autor que os jovens interpõem ritmos diversos à disciplina escolar e ao controle de tempos e espaços a ela vinculados. A fruição do tempo entre pares, no consumo cultural, nas interações por redes sociais ou nas dinâmicas de conversação e “zoeira” disputariam o espaço da escola e criariam dissonâncias com o mundo adulto. Porém, Pereira (2016) parece perguntar não por uma realidade “fraturada”, mas pela interface entre ritmos dissonantes, de forma que a realidade escolar contemporânea precisa ser compreendida a partir de sua articulação à produção das culturas juvenis.

## REDES SOCIAIS E ESCOLA

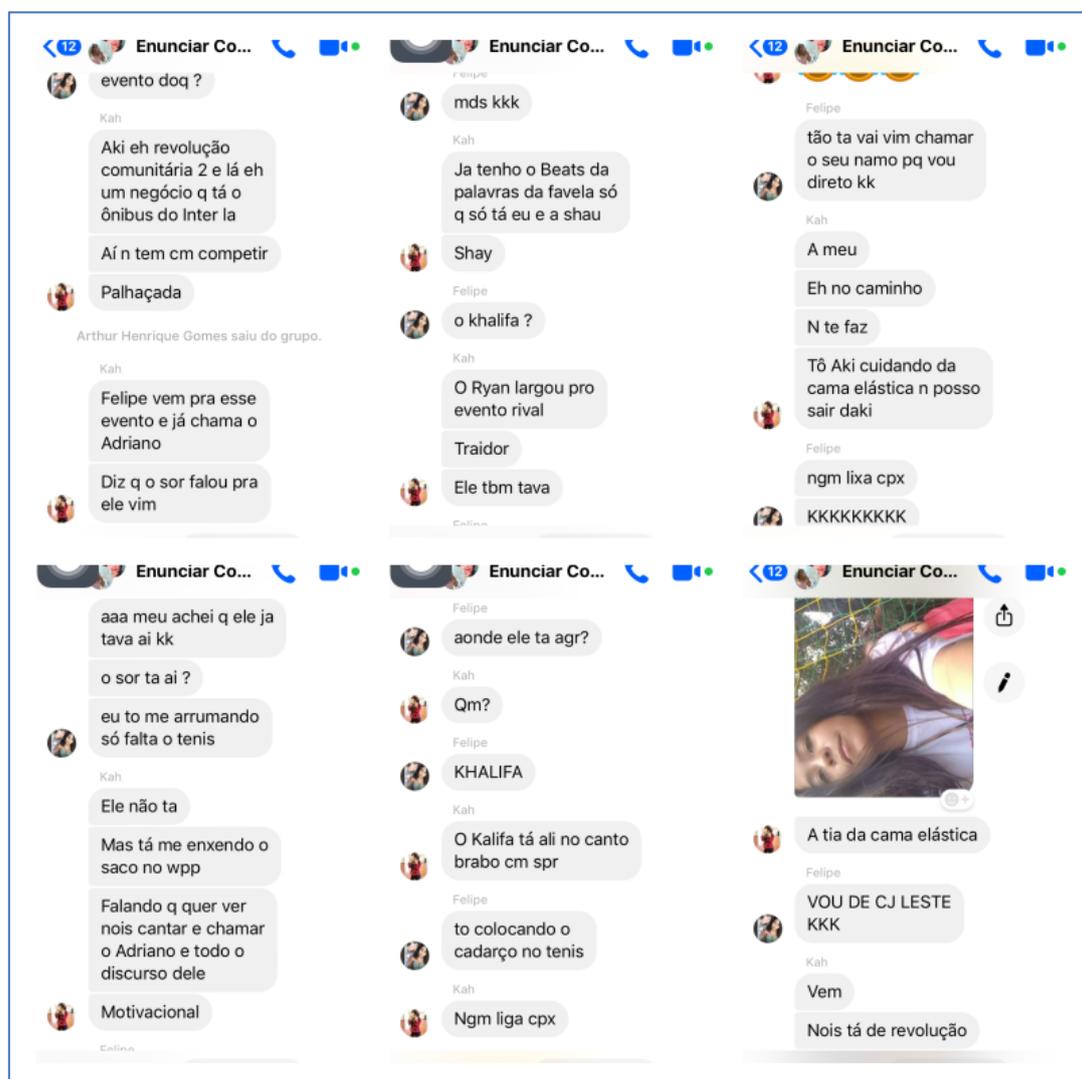
Para quem acessa regularmente o espaço escolar, ou mesmo por uma observação do cotidiano de forma geral, talvez seja possível apreender empiricamente os usos amplamente disseminados da Internet e das redes sociais (sobretudo via celular). Kubota (2016) indicava uma apropriação crescente dessas tecnologias à medida que nos dirigimos a extratos mais jovens (16 a 24 anos especialmente), com predomínio de interatividade e entretenimento (redes de relacionamento, filmes, música, jogos, etc.). A procura por emprego ou alternativas de ensino figurariam com mais destaque com a elevação da idade. Da mesma forma, o acesso à internet, a redes sociais e a celulares para tal uso seriam superiores entre jovens conforme amplia-se a renda e a escolaridade destes.

Quando visitávamos as escolas em foco aqui, não era difícil observar o uso de celulares e fones de ouvido, mesmo em sala de aula. Mas era durante os intervalos que o fenômeno tomava maior proporção. Os jovens seguiam com fones de ouvidos ou digitando nos seus *smartphones* e, simultaneamente, interagiam com pares.

## Revista Gepesvida/2019

Por ocasião dos grupos de discussão supracitados na metodologia, tematizamos especificamente os usos de mídias sociais na relação com a escola. Os relatos mencionavam a intersecção de práticas escolares e usos de mídias. Contavam que quando tinham tempo sobrando em aula, escutavam música ou acessavam redes sociais. De outra forma, se a aula fosse considerada tediosa, também poderiam usar os celulares para distração. Ademais, se a fruição das mídias compunham a rotina escolar, elas também apoiavam a realização das atividades como aluno, dado que havia grupos ou comunidades *online* para informar sobre tarefas e provas, incluindo ações astuciosas como a veiculação de “colas” para momentos de avaliação.

Os grupos online que acompanhamos juntos aos educandos da entidade assistencial trouxe indícios nesse mesmo sentido. Não raro, ainda que as conversações não seguissem delimitações estritas, poderíamos classificar as interlocuções ocorridas em dois grandes grupos: diálogos sobre a efetivação de práticas escolares; e a produção de interações sociáveis e ou prol de momentos para tanto. Vejamos exemplos abaixo:



# Revista Gepesvida/2019

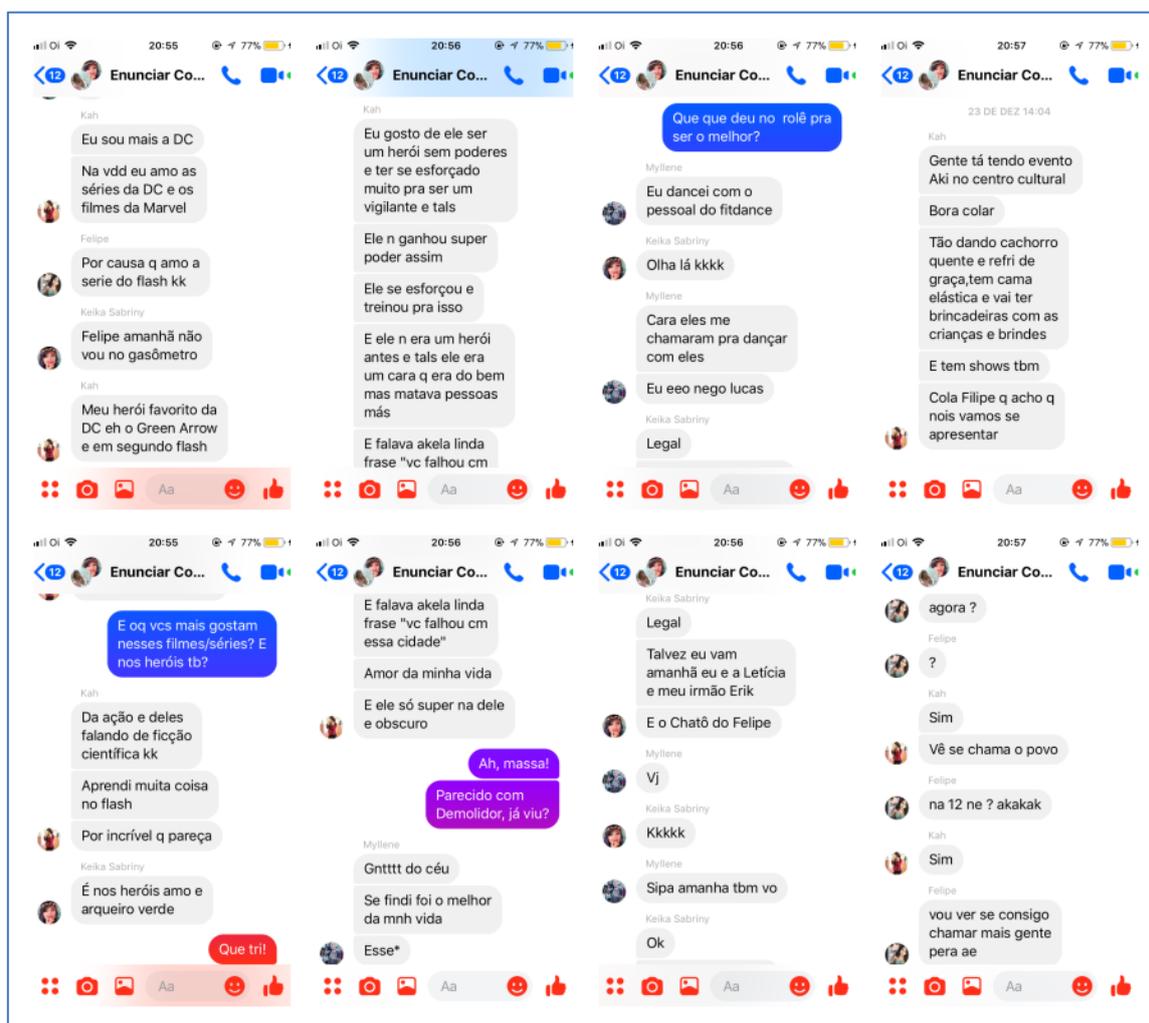


Figura 1: Cópias de mensagens trocadas em grupos *online* (temas escolar e sociável).

Acreditamos ser pertinente, entretanto, não tomar o convívio de práticas que observamos como indicativo de uma cisão entre a condição juvenil e o ofício de estudante. Para além de lembrar a articulação entre a produção sócio histórica da juventude e moratória social concernente, em boa medida consequente da instituição de tempo social para habitação da escola (Margulis e Urresti, 1996), por ora, parece-nos que cabe uma aproximação aos resultados da pesquisa de Souza e Leão (2016), que indicavam uma mútua afetação tensa entre ser jovem e ser educando nas interações *online*. Nas palavras dos autores:

Outro elemento que nos chamou atenção foi o fato de que os alunos ao mesmo tempo que rejeitavam o ofício de aluno na sala de aula o reproduziam no espaço on-line [...] esse reforço

# Revista Gepesvida/2019

---

ou reprodução do trabalho de aluno em rede, alertou-nos para outros elementos que atravessavam tal ofício e que são marcas próprias dos jovens-alunos, hoje mediados: o tempo do fazer escolar não linear, a maior prática da coletivização do trabalho escolar, a intensificação das trocas de aprendizagens, a diversificação das formas de acesso aos conteúdos escolares. (SOUZA e LEÃO, 2016, p. 299)

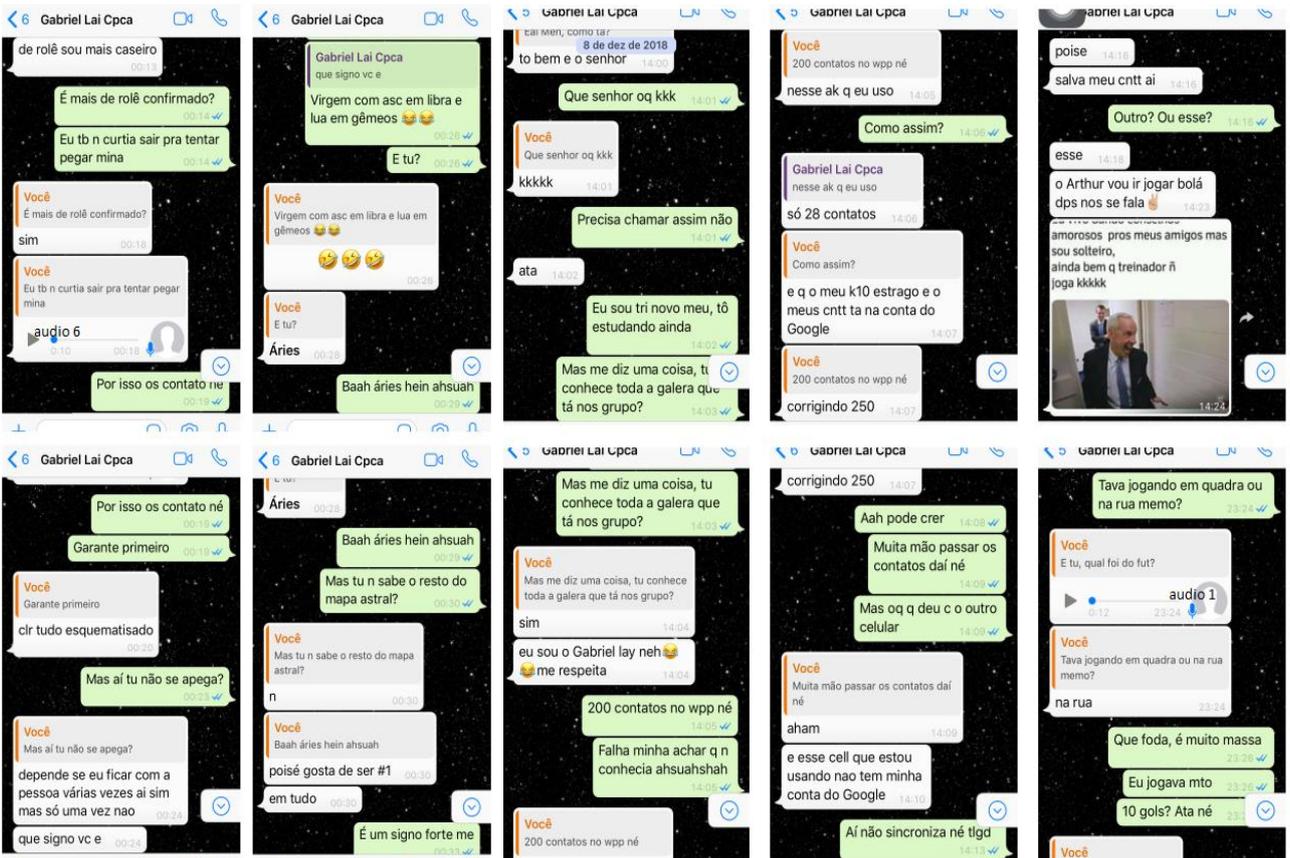
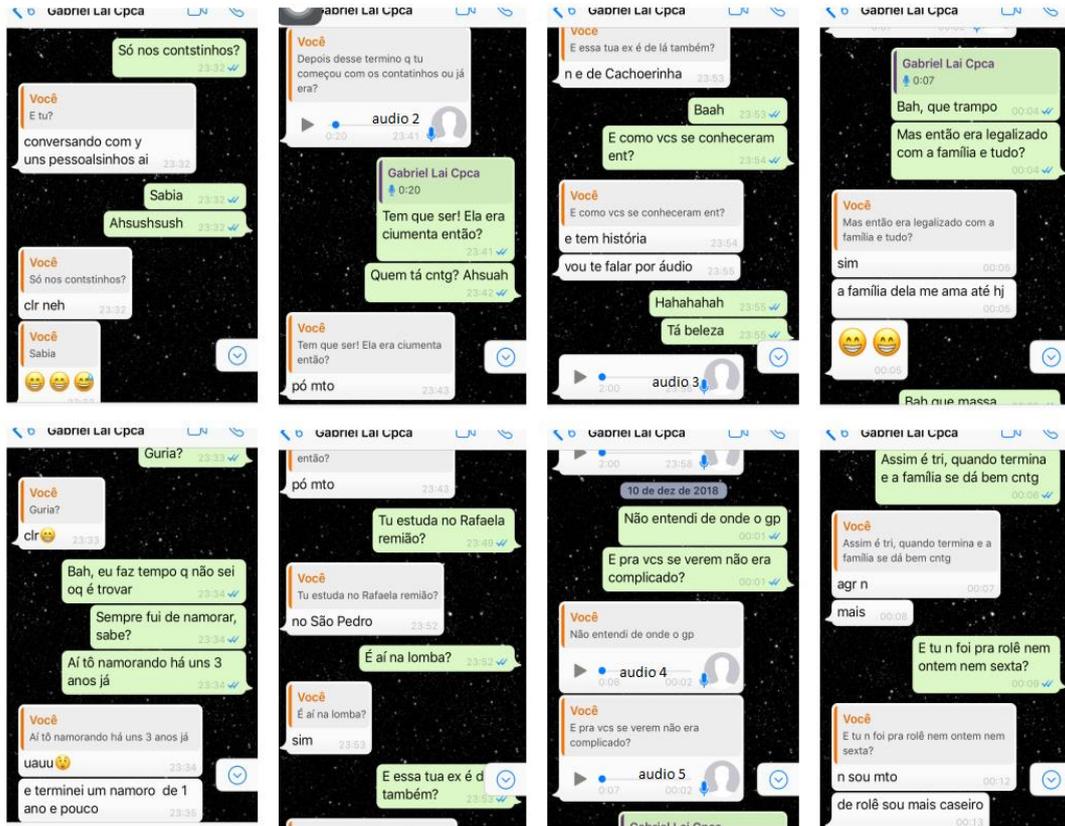
## REDES SOCIAIS E SOCIABILIDADES: HIPÓTESES SOBRE MEDIATEZACÃO

Para seguir em nossas argumentações sobre a inter-relação entre mídias sociais e cotidiano juvenil-estudantil, podemos, agora, passar da implicação mútua entre o ofício de aluno e a condição de jovem para uma análise da performance sociável, muitas vezes constituída em pequenos detalhes da conversação. Tomemos exemplo de um dos diálogos presenciados em nosso período de observação, para, então, diferenciarmos as interações *online* e sua interferência recursiva na sociabilidade dos jovens com quem dialogamos.

Estávamos no pátio da entidade assistencial. Juntos de nós, alguns jovens conversavam sobre suas façanhas em jogos de futebol. As narrativas que os jovens partilhavam eram sobre dribles, e carregavam apreciações de desempenho (em geral, de êxito). Então, um dos garotos contava o quanto fazia gols em determinado jogo e, também, que pediam para ele parar de fazer firulas e dribles (supostamente provocativos ao adversário). Dizia estar “gastando”, como quem indicava êxito e bons resultados. O quadro geral era de destaque aos seus feitos e chamava a atenção o quanto o futebol se apresentava como espaço de potência entre pares. Em certo momento, o interlocutor chegou a levantar para encenar seus movimentos, quando da “caneta” (drible) que teria dado em jogador rival. A fala explicava: “ele veio de frente e eu só dei assim (movendo as pernas). Aí, ele fechou e eu ‘tchau’, tava longe (acenando com a mão)”. A performance narrativa procurava exaltar o feito e a habilidade e, para isso, carregava signos metonímicos.

O que ocorre quando vamos às redes sociais? Na maior parte das vezes, a performance corporal está inviabilizada; nem mesmo as feições estão à vista. Mas um olhar aos diálogos de *Whatsapp*, por exemplo, sinaliza que, junto a estrutura sequencial e linear um tanto rígida do texto que transcorre incessantemente, há artifícios de expressão das emoções (de que os *emoticons* seriam exemplos conhecidos) que simulam trejeitos faciais, assim como certas apropriações criativas que tensionam o formato textual (em abreviações ou uso de imagens). Desta forma, a dinâmica da sociabilidade se apresenta ali, carregada pelo tom linguajeiro semelhante e, imagetivamente, pelos ícones que expressam ideias e emoções. Vejamos mais um exemplo:

# Revista Gepesvida/2019



# Revista Gepesvida/2019

---

**Figura 2:** Trecho de conversa online (*Whatsapp*).

Há outros dois elementos a destacar a partir do exemplo acima, que nos levam, então, a efeitos da apropriação das redes sociais às dinâmicas de sociabilidade. Primeiramente, consideramos a reserva gerada pela mediação tecnológica da relação. A interação se dá desde a possibilidade de regulação temporal da interlocução, administrando-se o intervalo de respostas e sem a necessidade de se afrontar diretamente as reações e feições do outro. Disso deriva algumas possibilidades táticas, que incluem a ponderação de informações e preparação dos encontros, minimizando possíveis tensões ou frustrações.

Não depreendemos disso uma mudança drástica das interações sociáveis. Entendemos melhor ponderar reconfigurações da sociabilidade via mídiatização, de forma que percebemos continuidades em meio a novas formas relacionais. Vejamos um exemplo. Certa vez, nosso informante preferencial em campo contava-nos acerca de menina com quem dialogava. Disse-nos que falava pelo *Whatsapp* com uma pessoa que não conhecia presencialmente, mas que era uma amiga de sua ex-cunhada. Segundo ele, a garota se insinuava e logo negava interesse afetivo, demonstrando característica convencional nos jogos de sedução (que Simmel (2006) analisava como “coqueteria”). A tática do jovem, muitas vezes, era responder “zoando<sup>4</sup>” a interlocutora, sinalizando limites à conversa. Noutras conversações de nosso informante, ele usava de brincadeiras e tons jocosos com amigos (“olha esse tênis; essa panqueca aí?”).

Como a insinuação controlada, a resposta jocosa tem ocorrências em interações presenciais<sup>5</sup>. A característica que consideramos destacável desde a mídiatização se refere ao efeito duplo de objetivação e programação das interações sociáveis. Entendemos que, frente ao incerto da potencial ampliação das redes relacionais, ampliam-se também as alternativas para ponderação e tentativa de certificação de que a presença sociável (com alguém ou em algum lugar) será agradável e/ou segura. Trata-se de uma imbricação virtual-presencial.

Passemos, agora, ao segundo elemento a destacar no exemplo acima. Dado o tempo dedicado diariamente às redes sociais pelos jovens com quem dialogamos, as interações mídiatizadas ocupam

---

<sup>4</sup> Referência a conversas em tom jocoso que, usualmente, carrega juízos morais e indicações de limites às condutas pessoais, ao mesmo tempo que reforça vínculos entre integrantes de grupos. Porém, pouco usual quando se tem interesse amoroso.

<sup>5</sup> O mesmo pode ocorrer com táticas de proteção nas relações, como é exemplo a aceitação de uma interlocução apenas quando indicada por alguém que já se conhece. Nos aplicativos de relacionamento, por exemplo, as supostas garantias seriam buscadas nas informações descritas em perfis.

# Revista Gepesvida/2019

---

lugar de bastante importância. Como sinalizam as pesquisas sobre as juventudes, a sociabilidade é bastante valorizada e as mídias parecem se tornar arena significativa para isso, promovendo certa ubiquidade do interativo, que passa a se infiltrar nos interstícios das práticas rotineiras e/ou institucionais.

Nesse contexto, a integração a redes sociais não só modula a ocupação do tempo cotidiano. Ela se erige como arena de ação com certos códigos de distinção. Estar *online* passa a ter critérios de legitimidade, como o número de contatos e as vantagens demonstradas a partir da eficácia das redes a que se vincula, configurando certo capital simbólico<sup>6</sup> no microcosmo interacional. Neste sentido, a demonstração de conhecimento sobre os fatos ocorridos junto aos pares é exemplar, particularmente se os assuntos envolvem eventos onde não se esteve presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos apresentar acima a análise das práticas sociáveis observadas em incursões junto a jovens educandos de bairro de periferia de Porto Alegre. Assim, abordamos a inter-relação entre sociabilidades e mediatização das interações sociais, de modo a destacar uma das arenas de ação preferencial das juventudes hoje.

Em contexto de ampliação da escolarização e, igualmente, de aumento dos usos de celulares e da internet, entendemos que a discussão sobre as imbricações entre cotidiano escolar e práticas juvenis seguem necessária. Buscamos destacar, de uma parte, a mútua afetação entre o ofício de aluno e a condição de jovem, quando do uso de tecnologias de informação e comunicação e, em especial, das redes sociais. De outra, assinalamos algumas das continuidades e descontinuidades nas práticas sociáveis quando sob a mediatização das interações, de forma a indicar que as dinâmicas interativas que tanto ocupam as juventudes produzem modos de se relacionar que imbricam virtual e presencial.

Se há um espaço de ação preferencial, construído desde certa construção engajada e programadora das interações, assim como a produção de capitais simbólicos concernentes, cabe compreender as tomadas de posição dos jovens não como uma fuga ao escolar ou como mero tensionamento da rotina institucional. Vale interpretá-las como parte de práticas significativas protagonizadas entre pares.

---

<sup>6</sup> Referência ao conceito de Pierre Bourdieu (2000), já bastante conhecido no campo da educação.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, J. L. Miatização como Processo Interacional de Referência. In: MÉDOLA, Ana S.; ARAÚJO, Denize C.; BRUNO, Fernanda (orgs.). **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 141-167.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 101-134.
- DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. La experiencia colegial. In: **En la escuela: sociología de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Losada, 1998, p. 187-223.
- FREITAS, M. V. Jovens e escolas: aproximações e distanciamentos. In: PINHEIRO, D. et al. (orgs.). **Agenda juventude Brasil: leitura sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016, p. 129-154.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- JULIÃO, E.; FERREIRA, M. P. As políticas de ampliação de oportunidades educacionais no Brasil e as trajetórias escolares na Educação de Jovens e Adultos no ensino médio do Rio de Janeiro. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26; n. 156, p. 01-25, 2018.
- KUBOTA, L. C. Uso de tecnologias da informação e comunicação pelos jovens brasileiros. In: SILVA, E. (org.). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2016, p. 199-220.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MOURA, R. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NÚCLEO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS. Censo Escolar 2017 – Laboratório de Dados Educacionais – NuPE/UFPR. Disponível em: <https://www.dadoseducacionais.c3sl.ufpr.br/#/indicadores>. Acessado em ago/2018.

## Revista Gepesvida/2019

---

- OBSERVATÓRIO DE PORTO ALEGRE - OBSERVAPOA. **Porto Alegre em análise**. Séries históricas – Censos Populacionais IBGE. Disponível em: <<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br>>. Acesso em: 17/10/2017.
- PEREIRA, A. B. Outros ritmos em escolas da periferia de São Paulo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 217-237, jan-mar/2016.
- SIMMEL, Georg. A sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal). In: \_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 59-82.
- SOUZA, C.; LEÃO, Geraldo. Ser jovem e ser aluno: entre a escola e o Facebook. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 1, p. 279-302, jan-mar/2016.
- SPOSITO, M. et al. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e170308, 2018.
- ZAGO, N. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In: DAYRELL, J. et al. (org.). **Família, escola e juventudes: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.
- ZALUAR, Alba. O esporte como lazer. In: \_\_\_\_\_. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1994, p. 59-74.